

**Edição ampliada
e atualizada
do livro
OS 50 MAIORES
JOGOS DAS
COPAS DO
MUNDO.**

55
OS

**MAIORES
JOGOS DAS
COPAS
DO MUNDO**



OS 55

**MAIORES
JOGOS DAS
COPAS
DO MUNDO**

PAULO VINICIUS COELHO



**PANDA
BOOKS**

Copyright © 2010 Paulo Vinicius Coelho

Supervisão editorial MARCELO DUARTE

Coordenadora editorial TATIANA FULAS

Assistente editorial JULIANA AMATO

Projeto gráfico CASA REX

**Fotos AGÊNCIA ESTADO, AGÊNCIA O GLOBO,
FOLHAPRESS, GAZETA PRESS**

Revisão TELMA BAEZA G. DIAS

THIAGO FRAGA

PATRÍCIA VILAR

Colaboração GUSTAVO LONGHI DE CARVALHO

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G619c

Coelho, Paulo Vinicius, 1969-

Os 55 maiores jogos das Copas do Mundo / Paulo Vinicius

Coelho. - São Paulo : Panda Books, 2010 - 248 pp.

ISBN 978-85-7888-045-3

1. Copa do Mundo (Futebol) - História. 2. Futebol - Torneios - História. I. Título: Os cinquenta e cinco maiores jogos das Copas do Mundo.

10-0927.

CDD: 796.334 CDU: 796.332

2010

Todos os direitos reservados à

Panda Books

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 - São Paulo - SP

Tel./Fax: (11) 2628-1323

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

**À Adriana Teixeira, companheira do primeiro,
do segundo e do terceiro tempo.**

**Ao João Pedro e à Bruna, que já contam suas
histórias sobre futebol.**

SUMÁRIO

AS COPAS PARA LER E DISCUTIR

1	Itália 4 X 3 Alemanha (1970)	10
2	Brasil 4 X 1 Itália (1970)	16
3	Brasil 1 X 0 Inglaterra (1970)	22
4	Brasil 5 X 2 França (1958)	26
5	Inglaterra 4 X 2 Alemanha (1966)	30
6	Brasil 1 X 2 Uruguai (1950)	36
7	Alemanha 3 X 3 França (1982)	40
8	Alemanha 3 X 2 Hungria (1954)	46
9	Brasil 3 X 1 Uruguai (1970)	50
10	Brasil 2 X 3 Itália (1982)	54
11	Argentina 2 X 1 Inglaterra (1986)	58
12	Áustria 7 X 5 Suíça (1954)	62
13	Holanda 2 X 0 Uruguai (1974)	66
14	Brasil 2 X 0 União Soviética (1958)	70
15	Brasil 3 X 1 Argentina (1982)	74
16	Argentina 3 X 1 Holanda (1978)	78
17	Argentina 3 X 2 Alemanha (1986)	82
18	Argentina 6 X 0 Sérvia e Montenegro (2006)	86
19	Alemanha 3 X 2 Inglaterra (1970)	90
20	Itália 3 X 1 Alemanha (1982)	94
21	Brasil 1 X 1 França (1986)	98
22	Brasil 1 X 1 Holanda (1998)	102
23	Itália 2 X 0 Alemanha (2006)	106
24	Brasil 2 x 4 Hungria (1954)	112
25	Itália 1 X 1 Espanha (1934)	116
26	Brasil 6 X 1 Espanha (1950)	120
27	Brasil 3 X 2 Holanda (1994)	124
28	Estados Unidos 1 X 0 Inglaterra (1950)	128

29	Goreia do Norte 1 X 0 Itália (1966)	132
30	Brasil 1 X 3 Portugal (1966)	136
31	Portugal 5 X 3 Goreia do Norte (1966)	140
32	Brasil 0 X 1 Argentina (1990)	144
33	Uruguai 4 X 2 Argentina (1930)	148
34	Holanda 2 X 1 Argentina (1998)	152
35	Brasil 0 X 3 França (1998)	156
36	Brasil 0 X 1 França (2006)	160
37	Itália 2 X 1 Tchecoslováquia (1934)	166
38	Alemanha 1 X 0 Argentina (1990)	170
39	Dinamarca 6 X 1 Uruguai (1986)	174
40	Espanha 5 X 1 Dinamarca (1986)	178
41	Argentina 1 X 1 Itália (1990)	182
42	Alemanha Oriental 1 X 0 Alemanha Ocidental (1974)	186
43	Alemanha 4 X 2 Suécia (1974)	190
44	França 1 X 0 Paraguai (1998)	194
45	Brasil 2 X 0 Alemanha (2002)	198
46	Uruguai 8 X 0 Bolívia (1950)	202
47	Brasil 0 X 0 Itália (1994)	206
48	Itália 1 X 1 França (2006)	210
49	Polônia 2 X 1 Itália (1974)	218
50	Holanda 2 X 1 Itália (1978)	222
51	Chile 2 X 0 Itália (1962)	226
52	Portugal 1 X 0 Holanda (2006)	230
53	Polônia 0 X 0 União Soviética (1982)	234
54	Hungria 10 X 1 El Salvador (1982)	238
55	França 4 X 1 México (1930)	242
	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	246

AS COPAS PARA LER E DISCUTIR

O BRASIL JOGOU PELA PRIMEIRA VEZ NO MONUMENTAL DE NUÑEZ EM 1945.

Antes do início desse jogo, os argentinos promoveram o desfile do zagueiro Battagliero, em cima de uma maca, com a perna quebrada. Diziam que o brasileiro Ademir o havia lesionado dois meses antes, numa partida em São Januário. Dez minutos de partida e o argentino Salomón teve a perna fraturada numa dividida com Jair Rosa Pinto.

Experimente pegar um livro brasileiro para conhecer essa história. Você vai descobrir que as lesões dos dois argentinos foram absolutamente ocasionais, em lances involuntários dos brasileiros. Apanhe a coleção da revista *El Gráfico* e a leitura será diferente. Os brasileiros “criminosos” machucaram propositadamente os jogadores argentinos.

Essa é só uma das percepções diferentes da mesma partida na história do futebol. Os franceses reclamam até hoje da entrada criminosa de Schumacher em Battiston, na Copa de 1982. Nós, brasileiros, choramos a derrota de 1950, e os uruguaios entram em cada jogo com uma bandeira lembrando daquela partida.

Contar jogos históricos de Copas do Mundo sem repetir o que já foi dito é quase impossível. Como recontar, por exemplo, a tragédia de Sarriá? A resposta surgiu durante a elaboração deste livro. Sarriá representa felicidade para os italianos que viram a Azzurra surpreender o Brasil. Os argentinos saboreiam os 6 X 0 sobre o

Peru, em 1978, e isso não acontece porque sentem o doce sabor do marmelo. Cada povo tem seu jeito de enxergar os jogos históricos dos mundiais.

O *ranking* dos 55 maiores jogos das Copas será diferente, dependendo da maneira como foi contada cada uma das histórias. Alguns deles não podiam faltar. A maior goleada, o jogo com maior número de gols, as partidas com confrontos políticos importantes, as disputas das maiores seleções. Alguns outros faltaram. Como Holanda X Brasil e Alemanha X Polônia, em 1974, porque histórias contadas por personagens de outros países acrescentaram pouco ao que já conhecemos. A Alemanha se classificou com um gol de Müller, contra a Polônia, mas o jogo contra a Suécia, pela chuva e pelo espetáculo dos alemães, empolgou mais.

Porém, o *ranking* não é definitivo, como também não são definitivas as histórias que lemos e ouvimos sobre cada uma das partidas importantes dos mundiais. Os depoimentos de italianos, argentinos, franceses, holandeses a respeito dessas partidas darão uma exata noção disso.

Paulo Vinicius Coelho

1

ITÁLIA

4

ALEMANHA

3

O MAIOR JOGO

MÉXICO

17/6/1970 - Semifinal

Estádio Azteca (Cidade do México)

FORA DE CAMPO, BECKENBAUER ERA ATENDIDO. RESTAVA POUCO O QUE PENSAR.

Ou voltava ao campo, com o braço preso à tipoia, após a queda que lhe quebrara a clavícula, ou abandonava sua Alemanha à própria sorte. Já corria a prorrogação. Helmut Schön, o técnico alemão, havia realizado as duas substituições permitidas naquela época, ainda no tempo regulamentar. Os companheiros estavam esgotados e Beckenbauer não pensou duas vezes. Voltou ao campo, lutou como e o quanto pôde. Virou o mártir, uma imagem que corre o mundo quarenta anos depois de ser vista no maior jogo da história.

Uma partida diferente de todas que já houve.

“Cinco gols na prorrogação é coisa sem registro no futebol moderno”, afirma Manfred Munchrath, o editor da revista alemã *Kicker*. “E todo mundo se lembra de Beckenbauer com o braço na tipoia, depois de machucá-lo quando o jogo estava perto do fim.”

Uma partida diferente, a começar por desmentir o ditado de que jogo não se ganha ou se perde na véspera. Três dias antes, os alemães estavam em León. Perdiam para os campeões do mundo, os ingleses, até os 23 minutos da etapa final. Peters e Mullery marcavam para os súditos da rainha Elizabeth. Beckenbauer, inteiro, deixou sua missão defensiva para diminuir para os alemães. Aos 31 minutos do segundo tempo, foi Seeler, em sua quarta Copa do

Mundo, quem empatou o jogo. Pela segunda vez, em quatro anos, ingleses e alemães, vestidos exatamente como na final da Copa de 1966, disputariam uma prorrogação.

O final também seria diferente. No lugar de Hurst, autor do gol do título mundial dos ingleses, em 1966, foi Müller quem decretou a vitória alemã.

Cada segundo de comemoração, porém, representava dizer que os alemães seriam menos capazes de despejar litros de suor três dias depois. O gol de Müller aconteceu aos 3 minutos do segundo tempo da prorrogação. Oito titulares contra a Inglaterra entraram na partida disputada com a Itália. Exaustos.

No mesmo dia 14, em que os alemães suavam sangue contra os ingleses, a Itália passava fácil pelo México. Fazia 4 X 1, com dois gols de Riva, um de Rivera, e um contra anotado por Peña. O time entrava em campo idêntico ao que iniciara a partida com o México, até mesmo no aspecto físico.

Quem pensava de outra forma demorou 7 minutos para notar a vantagem física da Itália, o suficiente para Boninsegna inaugurar o marcador.

O tempo era de Mazzola. Forte, rápido, o atacante da Inter de Milão criou tudo o que se passou ofensivamente na Itália. Até o intervalo, quando Ferruccio Valcareggi, técnico italiano, decidiu retirá-lo de campo. Entrou Rivera. Em vez de acelerar, Rivera candelenciou. Em vez de aumentar o ritmo, cansar ainda mais os alemães, os italianos tocaram a bola. Helmut Schön, o estrategista alemão, percebeu. Escalou dois atacantes a mais: Held, no lugar do meia Patzke, e Libuda, na vaga do ponta Löhr. A Alemanha pressionou até o último instante. Sabe-se lá de onde, Schnellinger encontrou força para marcar 2 minutos depois do tempo regulamentar. Calou italianos de toda parte. Calou italianos em Milão, onde morava e defendia o Milan.

Para os alemães, o foco não era Schnellinger. Olhavam mais para Beckenbauer. Estava ali em campo, mesmo mutilado. Foi assim que viu Müller marcar para a Alemanha o gol da virada, aos 4 minutos da prorrogação. Desesperada, a Itália lançou até o lateral Burgnich ao ataque. A primeira investida ofensiva de sua carreira, escreveriam os jornalistas italianos, resultou no gol do 2 X 2. Riva marcaria antes do final do primeiro tempo suplementar e iniciaria os 7 minutos mais incríveis da história do futebol.

A 11 minutos do final da prorrogação, Müller empatava para a Alemanha. O ponteiro dos segundos deu só mais uma volta completa, e Rivera, com um voo grandioso, deu o toque fatal, aquele que tirou os alemães da Copa e fez o jogo entrar no imaginário

italiano para sempre: “Até hoje, na Itália, escrevem peças e encenam espetáculos tendo Itália X Alemanha como pano de fundo. O fim da partida, com o gol de Rivera, expressa a alma do país. Somos assim, dramáticos. Nos faz até hoje, também, olhar para os alemães com outros olhos. Quando jogamos contra o Brasil, sabemos que eles são melhores. Quando enfrentamos a Alemanha, entendemos que somos iguais e fazemos jogos dramáticos. É por isso, pelo drama, que nós italianos sempre sabemos quem vai ganhar. Aquele jogo de 1970 nos conta.”

FIGHA TÉCNICA

RESULTADO Itália 4 X 3 Alemanha

DATA 17/6/1970

LOCAL Estádio Azteca (Cidade do México)

JUIZ Arturo Yamazaki (Peru)

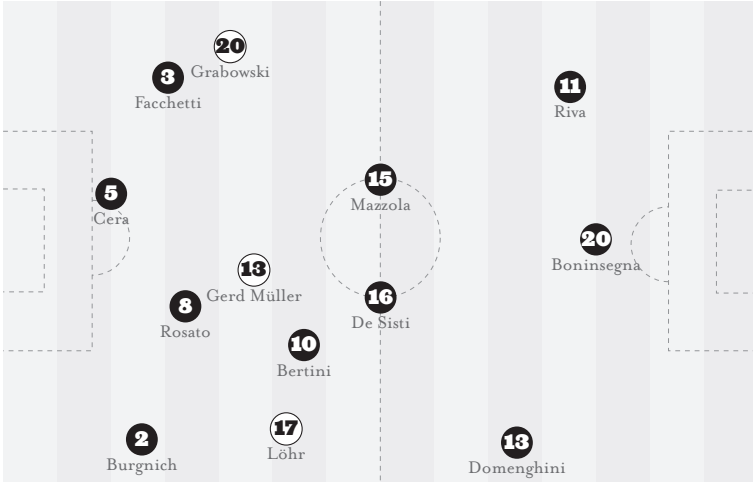
GOLS Boninsegna 7' do 1º; Schnellinger 47' do 2º; Müller 4', Burgnich 8', Riva 13' do 1º da prorrogação; Müller 4', Rivera 5' do 2º da prorrogação; cartão amarelo: De Sisti, Rosato, Domenghini, Müller, Overath

ITÁLIA Albertosi, Burgnich, Rosato (Poletti, prorrogação), Cera e Facchetti; Bertini e De Sisti; Domenghini, Boninsegna, Mazzola (Rivera, intervalo) e Riva. Técnico: Ferruccio Valcareggi

ALEMANHA Maier, Vogts, Schnellinger, Beckenbauer e Patzke (Held 20' do 2º); Schulz e Overath; Grabowski, Seeler, Müller e Löhrr (Libuda 6' do 2º). Técnico: Helmut Schön

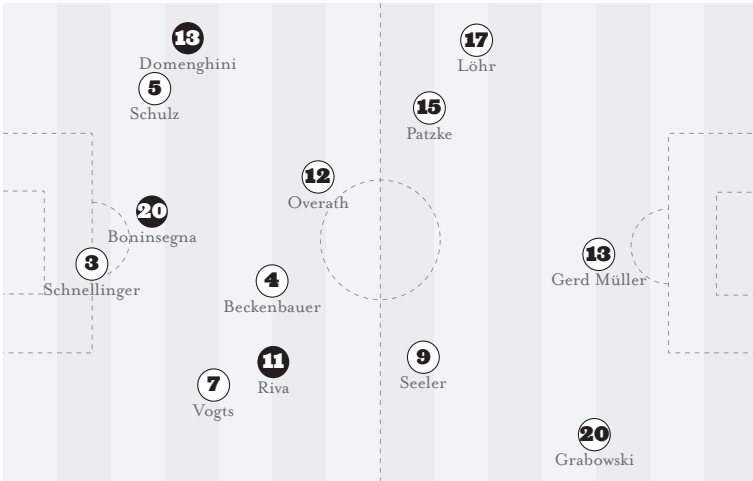
Itália

Alemanha



O líbero-italiano: Cera jogava atrás da zaga.

14



Beckenbauer era o líbero-alemão: jogava à frente da defesa.



2

**O goleiro Albertosi
vê a bola no fundo
da rede: é o quarto
gol do Brasil
contra a Itália na
final de 1970**



BRASIL

4

ITÁLIA

1

O TRI MÉXICO

21/6/1970 - Final

Estádio Azteca (Cidade do México)

18

“A ITÁLIA NÃO VIAJOU AO MÉXICO PARA SER CAMPEÃ DO MUNDO. NEM SEQUER PARA CHEGAR À FINAL. Depois de eliminações seguidas em Copas do Mundo recentes, a Itália já estaria feliz de fazer boa campanha. Eu respondia isso até aos raros otimistas, em Milão, os quais apontavam o título europeu conquistado dois anos antes, numa final a que só chegamos por vencer a semifinal num sorteio.”

Marco Zunino tinha 31 anos quando viveu essa final. Via o futebol como um italiano. Apreciava a boa marcação, a velocidade, a praticidade dos grandes atacantes. Num tempo em que o futebol moderno ainda não era assim, Zunino enxergava tudo isso na Seleção de Zagallo.

“O Brasil de 1970 era moderno.”

Não pense que a frase servia apenas para a época, não. O Brasil de 1970 jogava como muitos times do início do século XXI.

O Brasil de 1970 jogava no contra-ataque.

Conte quantos gols aquela Seleção marcou assim. Da estreia, contra os tchecos, à decisão, contra os italianos, 14 dos 19 gols nasceram dessa maneira.

Aquele Brasil tinha preparo físico.

Das seis vitórias conquistadas no Mundial, quatro aconteceram no segundo tempo.

Não era fácil para os europeus jogarem com o sol a pino, no calor do meio-dia da Cidade do México. E na altitude. Não era fácil, também, para os brasileiros. Daí a Seleção ter chegado ao México antes de todos os demais competidores.

Se não era fácil para nenhuma equipe, mais difícil ainda seria para a Itália, recém-saída de uma partida extenuante. De forma contraditória, era isso o que alimentava a esperança dos que não acreditavam que venceriam, antes de passar pela Alemanha.

“Vencer dramaticamente, a mais italiana das vitórias, deu a sensação de que podíamos também ganhar do Brasil.”

Durou 18 minutos. O tempo em que Pelé acertou, de cabeça, o canto esquerdo de Albertosi. Mas o Brasil moderno de 1970 era um time de preparo físico, que subia de produção no segundo tempo, quando todos caíam. Tomou o gol de empate no final da primeira etapa, numa pioxotada de Clodoaldo. Ao tentar tocar de calcanhar, o volante do Santos deixou Riva e Boninsegna na cara de Félix. Boninsegna conferiu.

E então veio o segundo tempo. E com ele o chute de Gérson, de longa distância, para fazer mais um gol. O lançamento de Gérson, de 50 metros, colocou a bola na cabeça de Pelé, que tocou para Jairzinho marcar.

“Na Itália, perguntava-se onde estava a defesa para conter o brasileiro.”

E, aos 41 do segundo tempo, Clodoaldo iniciou com uma sequência de dribles a jogada do gol que simboliza o duelo da marcação individual contra o talento brasileiro. Dos dribles de Clodoaldo a Rivelino e para os pés de Jairzinho. A arrancada do ponta-direita, deslocado para a esquerda, contou com a companhia de Facchetti. De Jair a Pelé e o passe milimétrico para Carlos Alberto. Se Facchetti estava com Jairzinho, ninguém estava na zona do lado esquerdo para conter o avanço de Carlos Alberto.

“Descobrimos que aquele Brasil não se marcava. E nos lembramos, naquele dia, que não fomos ao México para vencer. Porque aquele Brasil não se vencia.”

FICHA TÉCNICA

RESULTADO Brasil 4 X 1 Itália

DATA 21/6/1970

LOCAL Estádio Azteca (Cidade do México)

JUIZ Rudolf Glockner (Alemanha Oriental)

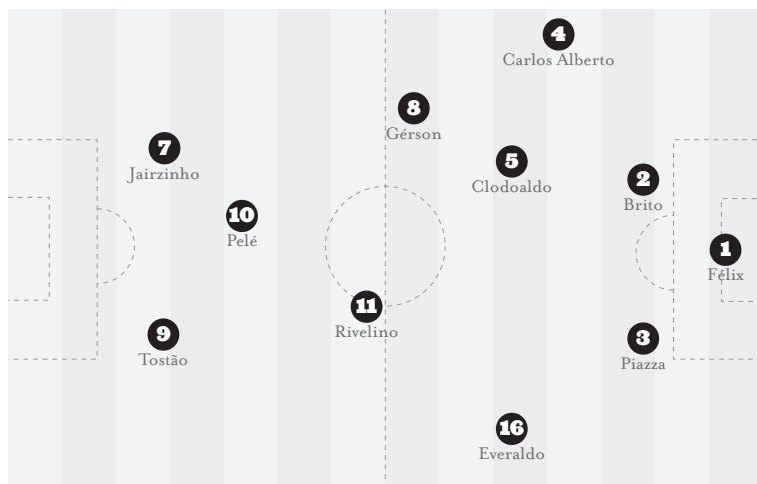
GOLS Pelé 18', Boninsegna 37' do 1º; Gérson 20', Jairzinho 25', Carlos Alberto 41' do 2º

BRASIL Félix, Carlos Alberto, Brito, Piazza e Everaldo; Clodoaldo, Gérson e Rivelino; Jairzinho, Tostão e Pelé. Técnico: Zagallo

ITÁLIA Albertosi, Burgnich, Rosato, Cera e Facchetti; Bertini (Juliano, 28' do 2º) e De Sisti; Domenghini, Boninsegna (Rivera, 38' do 2º), Mazzola e Riva. Técnico: Ferruccio Valcareggi

20

● **Brasil**



Rivelino recuava, formava o 4-3-3, e o Brasil usava o contra-ataque, em 1970.